

Os índios abrem o próprio caminho

Uma viagem ao território indígena mostra a evolução no sentido de assumirem as comunidades o seu próprio destino e desenvolvimento

Henrique Carvalho

Orlando Farias e
 João Pinduca Rodrigues



PRESENTE FIGUEIREDO (AM) - Os índios na Amazônia brasileira estão, literalmente, vivendo um novo rito de passagem. Diferente da iniciação à puberdade, por exemplo, este é, simbolicamente, como uma busca pela maioridade. Eles começam a ultrapassar o assistencialismo da Funai, seu órgão tutor, e buscar a sobrevivência por iniciativa própria, através de processos produtivos autossustentados.

Se é verdade que é um processo ainda incipiente, é verdade também que já é uma tendência marcante. "Estimamos que esse processo já envolva mais de 20% das tribos na Amazônia, principalmente no Alto Rio Negro (AM), que é uma espécie de modelo nesse tipo de investimento", diz o antropólogo da Universidade do Amazonas, Ademir Ramos, assessor do Conselho Estadual dos Índios.

Melhor ainda: os empreendimentos dos índios estão sendo implantados da maneira ecologicamente correta, explorando recursos naturais das reservas. "Não existe ninguém mais interessado em conservar intacta a floresta amazônica do que nós próprios" diz o vice-coordenador da Federação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab), o índio Cláudio Moura.

Demarcação - O florescimento desse processo de desenvolvimento econômico tem a ver diretamente com a demarcação das terras indígenas. Foi com a regularização desses territórios que organismos nacionais e estrangeiros abriram a torneira do financiamento aos índios da Amazônia. Somente no Alto Rio Negro, por exemplo, o Instituto Sócio-Ambien-

tal (Isa), de São Paulo, investe US\$ 500 mil ao ano, obtidos em fontes externas de financiamento.

Na região, onde 90% da população são índios, algumas das suas 23 etnias praticam o turismo como principal atividade econômica. Trata-se de uma modalidade conhecida como turismo indígena, em que o principal atrativo é a cultura dos índios, com demonstração de seus costumes e apresentação ritualística.

Os empreendimentos - Acossados por batalhões de garimpeiros, que destruíam destruição e doenças em seus territórios, os índios passaram à ofensiva: expulsaram os

“Somos patrões de nós mesmos. O supermercado é a floresta com a reprodução em cativeiro”

Líderes indígenas

invasores após a demarcação de suas terras e viraram eles próprios os garimpeiros. "Somos patrões de nós mesmos", diz o cacique tuano, Benedito Machado, que coordena a implantação de um garimpo de ouro em suas terras, no rio Traíra, fronteira com a Colômbia.

Segundo Machado, a garimpagem - implantada com tecnologia ambiental emprestada de ONGs europeias - deixou de ser a vilã da ecologia. Ela passou a ser nos dois últimos anos a principal fonte de renda dos tuanos e dos seus vizinhos banfuyas. Os dois povos habitam a região mais pobre em termos de alimentos por causa da acidez do solo e do rio, que faz minguar a agricultura e a população de peixes. Os banfuyas, no Alto rio Içana, próximo à Venezuela. Antes dos tuanos, os

Orlando Farias

macongues, do Norte de Roraima, foram pioneiros na garimpagem de ouro na Amazônia.

Mapa verde - Os exemplos se multiplicam no mapa verde da Amazônia. Os índios jamaínas produzem artefatos de borracha, no Acre. Os macuxis criam gado em pastagem natural de Roraima. Os sateremaués cultivam guaraná no Amazonas. Nenhum deles é um exemplo tão forte do novo modelo de desenvolvimento como os uaimiri-atroaris, índios que habitam um território de 2,5 milhões de hectares entre os estados de Amazonas e Roraima.

Com uma conta bancária engordada por indenizações pagas por três diferentes impactos em suas terras - construção da barragem de Balbina, exploração de cassiterita por empresa privada e pavimentação da rodovia Br-174, os uaimiris saíram da ameaça de extinção para uma situação, que se não é o paraíso, é quase.

Superação - Em dez anos, eles superaram todas as epidemias, dobraram de população (são atualmente 784) e criaram múltiplas atividades econômicas. Além de serem donos de fabulosas cadernetas de poupança, possuem rebanho de gado, desenvolvem a piscicultura e mais recentemente, iniciaram uma atividade inédita: reproduzir em cativeiro os animais da floresta, como a anta e a capivara, dois dos pratos preferidos entre os uaimiris.

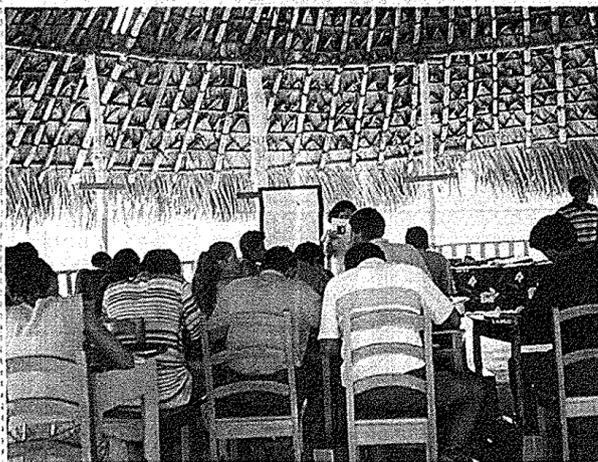
"O nosso supermercado é a floresta", diz um dos líderes da tribo, Wamé Viana, ciente de que a reprodução vai repovoar a selva animal; dar de comer às populações de 19 aldeias da reserva e no futuro, comercializar o excedente. Livres dos problemas comuns aos índios da Amazônia, o alcoolismo, o fumo e as missões religiosas, os uaimiris possuem também uma formidável infraestrutura interna, que inclui uma frota de 11 veículos automotores e cerca de 20 embarcações, entre grandes e pequenas. Usam regularmente a energia solar para operar seu sistema de comunicação, por rádio, e nos postos de saúde.

Apesar de terem iniciado os contatos com a sociedade envolvente há cerca de 20 anos, eles já participam até mesmo do mercado financeiro. Recentemente, compraram ações do programa "Boi Gordo" e vão receber as 170 primeiras cabeças de gado dentro das próximas semanas.

Contrapartida - Os índios com um maior contato com a sociedade e que ainda não ingressaram nesse processo, já começaram a se mobilizar. Há duas semanas lideranças indígenas desses grupos se reuniram, em Manaus, para avisar ao governo federal que as terras indígenas não estavam sendo aceitas, pelos bancos oficiais, como contrapartida e garantia em operações de financiamentos com esse objetivo. "A nossa contrapartida ao País é preservar esses territórios", diz o vice-coordenador da Funai, Cláudio Moura. Ele acredita que os empreendimentos indígenas vão experimentar um "boom" nos próximos anos na Amazônia e isso será irreversível para fortalecer politicamente os índios e lhes conferir ainda mais autonomia em suas terras.

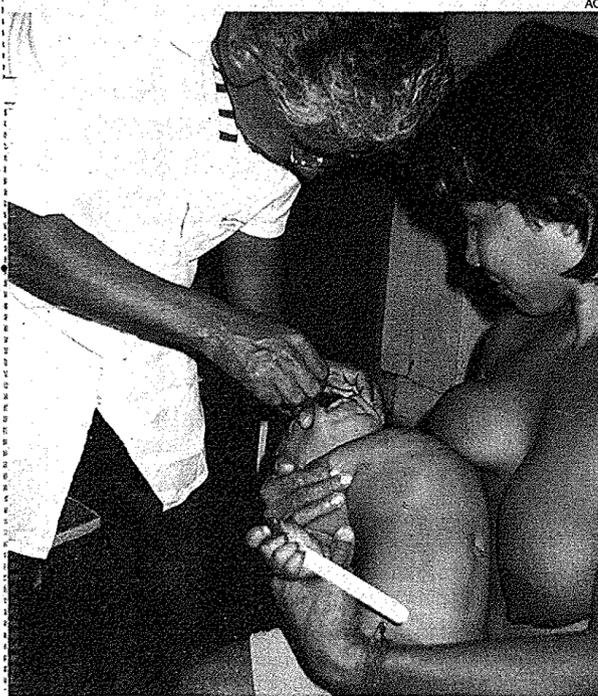


Crianças indígenas são colocadas sob expectativa de melhores condições de vida no novo processo



Aprendizado na própria língua é mais um avanço significativo

Comunidade aprende a cuidar da saúde



Rômulo Moura na cobertura vacinal: dias melhores para a tribo

Os índios uaimiris-atroaris são um povo saudável, conforme as estatísticas do Programa Uaimiri-Atroari, um consórcio criado pela Funai/Eletronorte em 87, para administrar os recursos advindos da indenização por impacto ambiental. Naquele ano, os índios estavam acometidos por três epidemias ao mesmo tempo: gripe, sarampo e malária. "A recuperação da saúde desses índios foi o primeiro passo para lhes restituir a dignidade", diz o coordenador de saúde, médico e especialista em doenças tropicais, Rômulo Moura. Em dez anos a incidência das doenças endêmicas simplesmente desapareceu das estatísticas. "Nunca tivemos um caso de tuberculose nesse período", diz o médico, lembrando que essa doença é hoje uma das mais comuns entre índios.

Só houve uma única ocorrência que pareceu sair de controle no ano passado: o registro de 148 casos de malária, num ano em que essa doença explodiu no Amazonas. O ressurgimento da doença tem uma explicação concreta: o estabelecimento de um projeto de assentamento do Inera, a 10 quilômetros da divisa da reserva, onde está localizada uma das aldeias. A estratégia para erradicar o "Anofeles darling" foi o combate entre os índios da aldeia e seus vizinhos. Resultado: há seis meses não há um caso de malária, cujo controle, combate e análise laboratorial são feitos pelos próprios índios.

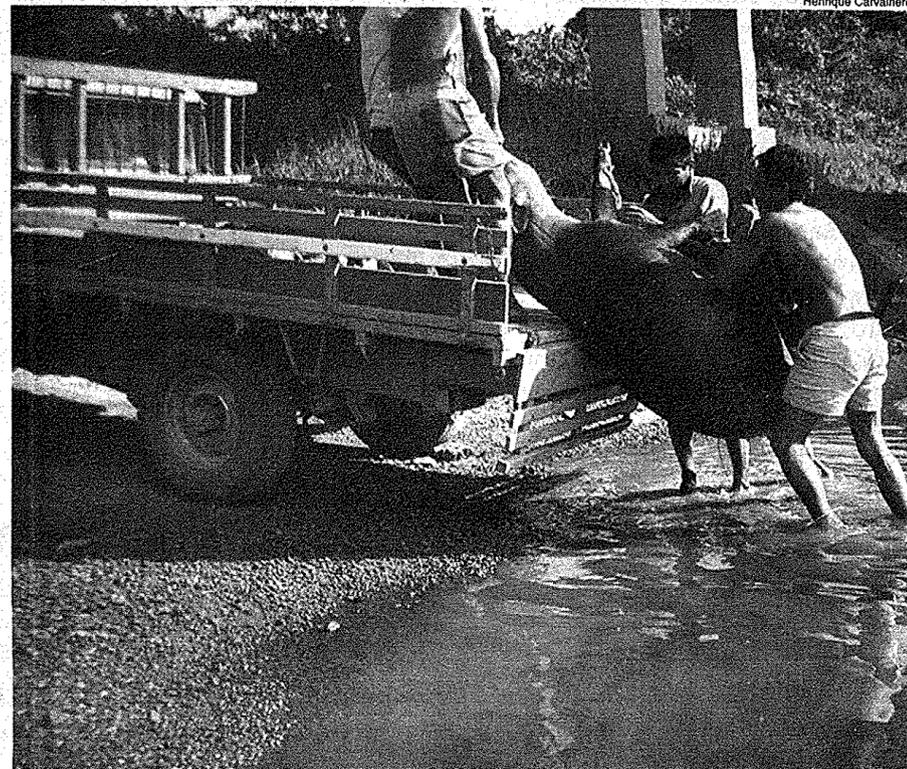
Guerreiros formam a guarda florestal

Cortado pela BR-174 (Manaus-Boa Vista), o território uaimiri-atroari não registra outro problema crônico em grandes áreas indígenas como a ianomâmi (9,4 milhões de hectares) - a pressão de garimpeiros, madeireiros e outros invasores. Com a indenização paga recentemente pelos governos do Amazonas e de Roraima (mais de R\$ 3 milhões) para o asfaltamento da estrada, os índios criaram um Plano de Proteção

Ambiental, que contempla uma espécie de guarda florestal indígena. Aplicando apenas 80% dos juros da indenização, eles mantêm uma equipe em 24 horas de vigilância nos pontos estratégicos da reserva enquanto outra equipe que percorre o trecho da BR-174 em suas terras. Os índios monitoram permanentemente as águas de sua reserva para controlar os efeitos de três hidrelétricas existentes nas proxi-

midades: de Balbina (AM), Pitinga (AM) e Entrerrios (RR). No momento, eles estão zoneando ecologicamente a sua reserva através de imagens de satélite. Os viajantes não tem permissão para parar na reserva. Guerreiros por natureza, eles foram praticamente dizimados durante a construção da estrada. Recuaram de uma população de 2 mil índios para poucos mais de 350 membros.

Henrique Carvalho



Transporte de anta abatida, fiscalização é intensa

Programa Uaimiri-Atroari é um exemplo

Com vigência determinada em 25 anos (mais 14 anos pela frente), o Programa Uaimiri-Atroari é considerado um dos exemplos mais bem sucedidos da Amazônia brasileira. A Funai já tentou implantá-lo em outras tribos da Amazônia, sobretudo no que pertence às ações de saúde, mas a carência de recursos financeiros inviabilizou o projeto. A fórmula de conduzir o próprio índio a cuidar da saúde, com a orientação de médicos e enfermeiros na aldeia, está no cerne do próprio programa.

"O objetivo é que os próprios uaimiris-atroaris tenham condições de gerir o seu próprio dinheiro", diz o gerente do programa, o agrônomo Marclio Cavalcante. Não é outra também a disposição dos índios. Num encontro de reciclagem realizada semana passada no Núcleo de Apoio Uaimiri-Atroari (um centro no meio da aldeia), o professor-indígena Marcelo Ewepe disse em bom português: "Queremos ter conhecimento para que possamos elaborar nossos pró-

prios relatórios (manuseio das finanças), sem que seja necessário o branco fazer isso por nós".

A experiência exitosa também está permitindo a ampliação das atividades para além dos limites da área indígena. Convênio a ser firmado nos próximos dias com o Ibama do Amazonas, prevê a vigilância da reserva biológica do Uatumã - invadida atualmente por armadores de pesca e extratores de seixos - pela Guarda Florestal dos uaimiris.